

A MOÇA

OM 2.4.52 BA

Foi na chácara hospitaleira e alegre de Fritz de Souza Queirós, em um domingo de sol, que encontrei um companheiro de guerra. Ele recordava momentos da campanha, na Toscana, quando uma jovem, conhecida pela sua beleza singular, disse, estirando, em um movimento de preguiça, as longas pernas nuas e perfeitas — que não queria saber de guerra, e não gostava nem de ouvir falar nisso: “eu sou muito egoísta, tenho uma vida muito boa, não gosto nem de tomar conhecimento de coisas tristes”.

Chocou-se, o meu amigo, com aquele cinismo de moça rica e frívola, e mais ainda com a minha tranqüila aprovação. Enquanto a moça ia mergulhar na piscina o corpo ainda meio adolescente, ele me acusou de hipócrita; e uma bela senhora, que ouvira a conversa, emendou que eu era um galanteador barato, vulgar, e, para dizer tudo, gaga.

Objeto de muita mofa, achei melhor calar o bico. Agora, porém, na hora de bater minha crônica, relembro essa conversa, e revejo, com seu passo elástico sobre a relva, ao sol, entre folhagens coloridas, a moça egoísta. E me pergunto se, em sua frivolidade, e na petulância com que a acentua, ela não mostra, afinal, uma sabedoria instintiva, e não defende um direito que, nem por ser um privilégio de classe, deixa de ser sagrado. Que outros milhões de moças não gozem desse conforto, é triste; mas eu me recuso a lhe negar o direito de pensar que o sol foi feito especialmente para dourar sua pele. Foi.

Em um mundo tão amiúde feio e triste, a beleza é em si mesma uma virtude cuja pureza e alto valor eu tenho necessidade de respeitar, onde a encontro. É natural amar os pobres e desgraçados, e ser solidário com eles, mas me parece incompreensível per-

versão sentimental amar a pobreza e a desgraça. Essa perversão é mais comum do que se pensa; tanto como o amor ao dinheiro que, em tanta gente, estraga os prazeres que o dinheiro pode permitir.

Há um esnobismo da pobreza, que me parece apenas menos ridículo do que o outro; e acontece mais entre os remediados que entre os verdadeiros pobres. Esse esnobismo leva até ao amor afetado da sujeira, e de outros desconfortos, como o esnobismo do rico o leva a encher sua casa de quadros que não ama ou a ouvir conferências e concertos que os torturam de tédio.

Esperemos que um dia tôdas as moças possam crescer belas e sadias e ter conforto e sossego para cultivar seus encantos e entreter seus sonhos. A desigualdade social, odiosa em si mesma, é ainda mais odiosa quando se refere às mulheres e, principalmente, às crianças. A existência de crianças pobres e miseráveis é o pecado fundamental de nossa sociedade; não respeito nenhuma filosofia que pretenda justificá-la e nenhuma religião que espere nos levar a aceitá-la como coisa natural.

Mas a flor não tem culpa de ser bela; e na petulância dessa adolescente que pisa o gramado com a sua sandália e anda ao sol pelo prazer de dourar seu corpo seminu, nessa inconsciência satisfeita de animal jovem, há um instinto sadio e uma defesa sagrada. Não é essa menina que enfeia o mundo; são homens velhos, de almas tortas e sujas, que manobram as máquinas da exploração e da guerra e fazem negócios torvos com o suor e o sangue das gerações.

A moça que salta na água azul é apenas um momento de beleza, e isto é ser muito.

A canção de amor e de morte do Porta-Estandarte Cristóvão Rilke

TRECHO INICIAL

RAINER MARIA RILKE

TRADUÇÃO DE CECÍLIA MEIRELES

Cavalgar, cavalgar, cavalgar, pela noite, pelo dia, pela noite.

Cavalgar, cavalgar, cavalgar.

E a coragem tornou-se tão lassa e a saudade tão grande. Não há mais montanhas, apenas uma árvore. Nada ousa levantar-se. Cabanas estrangeiras agacham-se sequiosas à beira de fontes lamacentas. Em nenhum lugar uma torre. E sempre o mesmo aspecto. É demais, ter dois olhos. Só à noite, às vezes, pensa-se conhecer o caminho. Talvez à noite tornemos sempre a refazer a jornada que penosamente cumprimos sob o sol estrangeiro? Pode ser. O sol é pesado como, entre nós, em pleno estio. Mas foi no estio que nos despedimos. Os vestidos das mulheres brilharam longamente sobre o verde. E agora há muito tempo que cavalgamos. Deve ser, pois, outono. Pelo menos lá onde tristes mulheres sabem de nós.

GENTE DA CIDADE

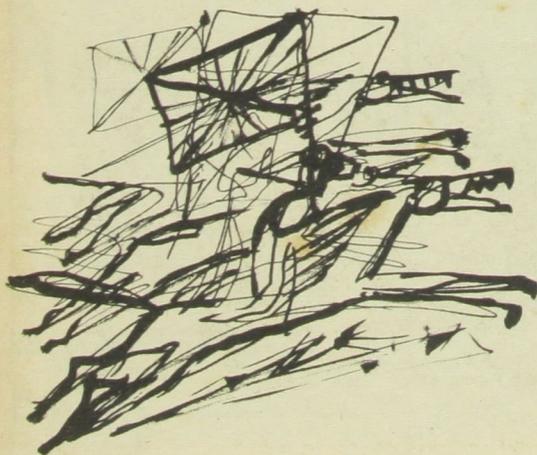


Antônio Callado
jornalista

Foi a 6 de janeiro de 1917 que ANTÔNIO Carlos CALLADO nasceu em Niterói, que aliás naquele tempo não era Niterói, era, muito barrocamente, Nictheroy. O pai médico, a mãe filha de desembargador; o menino estudou primeiro no Externato Pitanga (de suas tias maternas) e depois no Ginásio (que ainda era Gymnasio), Bittencourt, onde, embora não fôsse dos primeiros alunos, teve a honra de ser o orador da turma. Naturalmente nadava e remava um pouco no Icaraí. Coursou a Faculdade de Direito de Niterói e ali se bacharelou; por esse tempo já morava no Rio e tinha um emprego na Thornycroft. Aos 20 anos foi apresentado a Paulo Bittencourt, com quem tem distantes relações de família, para trabalhar no “Correio da Manhã”. Paulo leu a carta de recomendação, bateu com o cachimbo na mesa e avisou que ali dentro do jornal essa coisa de parentesco não funcionava. Que ele fizesse uma reportagem de experiência. “Sobre quê?” Com preguiça de pensar, o diretor disse: “sobre Niterói”.

Antônio Callado foi para casa e caprichou no estilo. Quando entregou a “coisa” ao diretor este passou os olhos, coçou a cabeça: “Eu lhe pedi uma reportagem, o sr. fez uma crônica. Em todo caso, está bem escrita. Vou lhe mandar ao secretário para outra experiência”. O secretário encarregou Callado de visitar um submarino francês que estava no porto; ele trouxe uma nota objetiva, e ficou empregado. Ao fim de dois anos já tinha uma razoável tarimba de jornal; sem deixar o “Correio”, passou a fazer uma crônica em “O Globo”, e muitos leitores se lembraram de “Gong”, assinado por “Anthony”, coluna sustentada durante uns três anos com brilho e dignidade. A BBC estava aliciando gente para seu De-

A POESIA É NECESSÁRIA



partamento Latino-Americano; Callado se candidata, é aceito e em novembro de 1941 embarca em um cargueiro da Mala Real, sem escolta. Apenas dois passageiros: ele e um velhinho inglês que morava na Bahia e ia visitar a mulher na Inglaterra. Atendendo a um apêlo do comandante, os dois passageiros fazem quarto de vigilância junto aos canhões anti-aéreos; Callado não se esquece dessas madrugadas solitárias e geladas olhando o céu e o mar na coberta do navio escuro. A viagem era monótona e ao mesmo tempo aflitiva, porque o mar enxameava de submarinos alemães. Quando o jornalista avistou, na penumbra da madrugada, estranhas formas no céu, muito longe, deu alarma imediato; mas já eram os balões da defesa aérea de Liverpool.

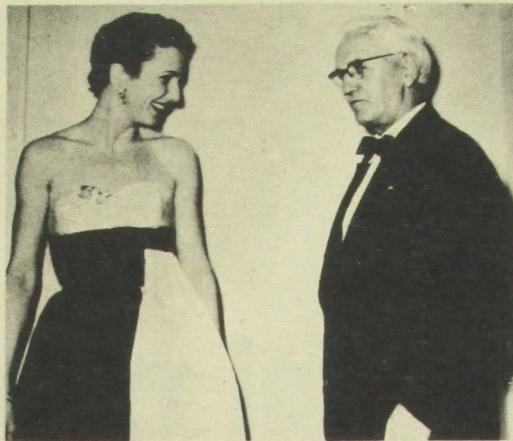
A fase dos grandes bombardeios, a "blitz", já havia passado em Londres quando ele chegou, mas as bombas continuavam a cair intermitentemente. Foi na noite de Santo Antônio de 1943 que se ouviu uma explosão tremenda uma autoridade apressada informou que o gasômetro explodira. Era a primeira V-1. Da costa da França ou da Bélgica os alemães disparavam êsses genis foguetes. Os londrinos ouviam um ruído e viam no céu a coisa que se aproximava, como se fosse um avião pequeno. De repente o ruído cessava; a V-1 planava um instante e caía; e... "o gasômetro explodia". A população já traumatizada pela "blitz" conhecia um novo horror. Mas a RAF se moveu; seus caças perseguiram os foguetes e os metralhavam, fazendo com que explodissem no ar. A resposta alemã foi a V-2, mais catastrófica, e indefensável, porque mais rápida que o som. Callado acredita que se os alemães tivessem inventado a V-1 anos antes, o governo inglês não teria podido resistir em Londres. Cada explosão arrasava trechos da cidade; era insuportável. A essa altura, porém, a supremacia aérea dos aliados já era completa. Enxames de bombardeiros ingleses atravessavam o Canal, e qualquer ponto em que se suspeitasse da existência de uma plataforma da V-2 era minuciosamente arrasado. Enquanto isso, Callado trabalha, primeiro na cidade, depois no subúrbio de Aldenham; para descansar o estômago da triste comida inglesa, descobre um restaurantinho italiano em Soho, do "signor" Corte. Um dia, chega para o almoço e não encontra nem o Soho, do "signor" Corte, nem a mulher dêle, nem o restaurante, nem o quarteirão; uma V-2 caíra ali.

Mas, quem sobrevive, vive; os teatros estão cheios; no programa há um aviso para os espectadores dizendo como podem alcançar o abrigo anti-aéreo mais próximo, em caso de alarme; quanto aos artistas, ficarão no palco: "o espetáculo continua".

É o economista Keynes quem aconselha o governo a abrir grandes verbas para a Arte: nunca se levou Shakespeare com tanta pompa; em Liverpool, diáritamente, os operários continuavam a construção da Catedral... Essa a melhor impressão que o niteroiense trouxe da Inglaterra: a dignidade e o bom humor do povo para agüentar a desgraça, e a firmeza e austeridade do governo. Entre os escombros e alarmes, o amor floresce: em novembro de 1943, êle se casa com uma funcionária da BBC, Jean Maxine Watson, o que, por estas alturas de 1954, redundou em Teresa Carla, de 4 anos, Maria Antônia, de 2, e Paulo Crisóstomo, de meses. Visita a Escócia, o País de Gales, Dublin, onde refaz todo o trajeto de Leopoldo Broom, no "Ulysses" de Joyce. Quando Paris é libertada, passa lá 8 meses e na Radio-diffusion Française faz, para o Brasil, programas que ninguém jamais conseguiu ouvir aqui — "nem mamãe", diz Antônio.

Em maio de 47, volta para o Brasil e para o "Correio", do qual se licencia depois durante um ano para ser o diretor brasileiro das "Seleções do Reader's Digest"; vai três vezes aos Estados-Unidos, uma ao Egito, está em Bogotá durante a Conferência em que deu fôgo na roupa, viaja como repórter pela Amazônia, pelo Nordeste, e, com o filho de Fawcett, ao Xingu; desta última viagem, traz um livro, "Esqueleto na Lagoa Verde", ao qual se segue o romance de ambiente sertanejo "Assunção de Salviano". Com a enfermidade do mestre Costa Rego, está provisoriamente em redator-chefe do "Correio", e êste ano terá representadas duas peças: "Cidade Assassina", pela Companhia Dramática Nacional e "Frankel", no Teatro Duse. É um apaixonado dos problemas brasileiros, que trata com um senso objetivo em que parece haver certa marca de hábitos mentais ingleses. Moderado no uísque, mora no Leblon e cultiva o hábito (também inglês) de ser bom chefe de família e cidadão correto. Ouve com melancolia qualquer trocadilho sobre o seu nome, e prefere manter os dois LL.

R. B.



Na recepção do sr. e sra. Olavo Fontoura a Sir Alexander Fleming, a anfitriã palestra com seu convidado de honra.

SOIRÉE

IBRAHIM SUED

● EM PLENA "SAISON" CARIOCA, o nosso mundo elegante tem se movimentado intensamente. Estive em um elegantíssimo jantar na residência do Embaixador e da elegante sra. Décio Moura. Algumas das mulheres bonitas e elegantes do nosso "society" mostraram seu "chic" nessa reunião com os Moura, que vão nos representar no Vaticano. Certamente, ninguém, melhor do que êles, poderá representar o Brasil junto ao Papa. Diplomata capaz, conhecedor dos segredos da diplomacia, aliado ao bom gosto em receber de sua esposa, ambos se destacarão, inegavelmente, no corpo diplomático do Vaticano. E nessa noite, tive o prazer de rever a elegante Princesa Dona Fátima de Orléans e Bragança, que fazia seu reaparecimento nos salões cariocas depois de dar ao Brasil o mais jovem príncipe brasileiro. Outro grande acontecimento, foi o espetáculo cinematográfico no Cine Astoria, patrocinado pela sra. Jorge Guinle, em benefício de um colégio católico americano. Todo mundo estava presente. Depois, houve uma "esticada" no "Meia Noite", que teve uma das suas grandes noitadas. Na residência do sr. e sra. Austregésilo de Athayde, aconteceu um "cocktail" para festejar devidamente o 60.º aniversário de casamento do Desembargador e sra. Feliciano de Athayde. Uma festa de família brasileira, bonita e exemplar. Figuras de categoria do nosso mundo político, diplomático, industrial e social foram abraçar os aniversariantes. Ainda nessa semana, para uma ceia a Barrault e sua Cia., os Barcinsky receberam em sua residência.

● EM UM BONITO apartamento da avenida Atlântica, duas famílias — paulista e mineira — se reuniram: o sr. e sra. Alfredo Thomé ofereciam um jantar para festejar os 18 anos do jovem sr. Márcio Barouquel Braga. A bonita senhorita Maria Lúcia Gomes (namoradinha do aniversariante), compareceu, em companhia de seus pais, sr. e sra. Geraldo Gomes. E também o tio da jovem em questão, o dinâmico administrador Juscelino Kubitschek, além de outros convidados. Em honra do novo embaixador do Brasil no Paquistão e sra. Hugo Béthlem, o encarregado dos negócios do Paquistão e sra. Farroq receberam um "cocktail". Estou informado que a nossa rainha do Charme, sra. Fernando Delamare, prepara-se para receber a visita da cegonha. Como tenho escrito em minha coluna do "Diário da Noite", os jantares dançantes do Country são o assunto elegante dos domingos cariocas. Agora, às quartas-feiras também, os jantares americanos no Clube, estão entrando em moda.

● UM GRANDE ACONTECIMENTO na sociedade carioca foi o casamento da senhorita Heloisa Boavista com o sr. Germano Machado. O vestido da sra. Francisco de Campos Viana e o "gêlot" e o cravo vermelho do embaixador Vasco Leitão da Cunha foram sem dúvida dois toques

DICIONÁRIO DA SOCIEDADE

Letra G — Galliez (Vicente de Paulo): É o presidente do Clube mais fechado do Brasil — Rio de Janeiro Country Club —, sua moderna e eficiente administração intensificou as atividades do Clube de Ipanema nestes últimos 5 anos. É um perfeito "gentleman", recebe com categoria, as recepções em sua residência de Petrópolis (River Side) são sempre grandes acontecimentos na temporada serana. É casado com uma das dez mulheres mais elegantes do Brasil, e é o vovô mais feliz do momento. Um netinho, que ganhou com a recente visita que a cegonha fez ao casal Frânzio Sales.

elegantes. No capítulo mexeriqueiro da cidade, circulam boatos de que vai acontecer qualquer coisa na vida do sr. Walter Pritman... Será? Na residência dos casais Homero Souza e Silva e Hugo Meira Lima, aconteceram devidamente dois jantares para despedida dos casais Carlos Eduardo Souza Campos, Ari de Castro e Joaquim Guilherme da Silveira, que partiram para o Velho Continente. Regressou, muito melancólico, a New York, o sr. Carlos Souza Gomes, depois do inesperado rompimento de seu noivado... No último jantar do Country, a senhorita Mafía Lúcia Maurity estava muito elegante. E a senhorita Maria Célia Coelho Neto Freitas fez muito sucesso entre os rapazes.

● SÃO PAULO (18). O Presidente do Líbano e sra. Chamoun estão hospedados na bonita mansão da viúva Nemi Jafet. Na "boite" do Hotel Jaraguá, agora em moda, aqui em S. P., o simpático casal carioca Joaquim Monteiro de Carvalho reúne um grupo de amigos para um jantar. — E' um encontro carioca e paulista — Presentes: O Ministro Nero Moura. O Príncipe Dom Álvaro de Orléans e Bourbon. O sr. Durval Mulayert. O embaixador e sra. Sarmanho. O casal Nelson Mendes Caldeira. (A sra. Caldeira é sempre um espetáculo de elegância e charme). O sr. e sra. Frederico Seve. O simpático casal Sebastião de Almeida. O sr. Dirceu Fontoura, um dos capitães da indústria farmacêutica do Brasil. Sras. Déa Vasconcelos e Bia Coutinho, que me participa uma grande festa no "Maxims", no próximo dia 20, e as senhoritas Vera Cunha Bueno, Marilu Vilalobos, e Teresinha Solbiati, que me anuncia o seu casamento em setembro dêste ano, o que eu não acredito... Também estão presentes os srs. Fernando Delamare e Guilherme Arinos. Da nossa mesa, observo a presença da elegante carioca sra. André Mesquita, que desperta comentários, e ainda os casais Adamastor Catalice e Frank Mesquita. (Êles estão à disposição do Presidente do Líbano). E assim é São Paulo, também com muito divórcio e muito casamento... Voltarei dia 20.



Em São Paulo, em recente reunião elegante, as senhoras Olga Cunha Bueno e Júlio Pimenta e o sr. Alves Lima.